

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Educação e Politização

Uma simples pesquisa entre estudantes de segundo grau, relacionada com o voto nas próximas eleições presidenciais, mostra a variedade de sentimentos que, compreensivelmente, mobiliza os jovens a esse respeito. Há os que acreditam que chegou a hora — “Se nem minha mãe votou para presidente, como é que eu vou perder essa oportunidade?” —, os que acham que “é bom ter responsabilidade desde cedo”, os que hesitam (“só voto se me sentir com capacidade”), os que descreem de todo da oportunidade: “Quem tem 16 anos ainda não se manda”.

Como pano de fundo dessas ambiguidades, a pesquisa anotou (o que não é surpresa) uma descrença generalizada nos políticos — “demagogos, corruptos, homens sem palavra que só pensam em ganhar dinheiro”, apesar de ressalvas como a de que “tem muita gente boa soterrada debaixo dessa lama”.

A confusão de sentimentos revelada pelos jovens expressa a virgindade em relação ao fato político que é inevitável levando-se em conta a idade e a falta de experiência. O julgamento peremptório quanto à classe política também tem a ver, em parte, com um condicionamento etário: o jovem, por definição, não concilia. Ainda não aprendeu a distinguir entre as esperanças e a dura realidade. Nisto reside, aliás, a sua virtude própria, porque é o idealismo dos jovens que vai temperar o pragmatismo às vezes excessivo dos adultos.

Se os adultos, no Brasil, não andam nada contentes com a política (não podiam estar), têm, ao menos, a possibilidade de comparar o presente com o passado recente, e saber que o panorama melancólico de hoje é melhor do que um período em que não se podia optar; e que a corrupção onipresente ganhou asas no tempo em que a política era feita em gabinetes fechados.

O jovem não pode comparar. Não é da sua natureza comparar. Ele vê o que está aí; e sua reação é de pânico ou desgosto. Um professor

consciente, se quizesse ajudar em alguma coisa na formação política de seus alunos, não teria nada melhor a fazer do que respeitar o estado em que eles se encontram, e dar-lhes condições de chegar, pouco a pouco, a uma avaliação mais pessoal e madura do quadro de hoje.

Em diversos casos, não é o que está acontecendo. Os próprios alunos encarregam-se de apontar professores que estão fazendo abertamente a propaganda deste ou daquele candidato.

Não deixa de ser um retrato da educação no Brasil. Esta chegou a um ponto de desarticulação ou de desmoralização tão grande, que o professor, em vários casos, perde a noção do que seja o ato de educar. Educar é ensinar alguém a utilizar os seus próprios recursos mentais. O professor que aproveita a aula para a propaganda política está fazendo o contrário disso: está desrespeitando a si mesmo e ao aluno, e substituindo a verdadeira educação por um processo de condicionamento mental característico dos sistemas totalitários.

É um grave sintoma do estágio a que chegou a educação no Brasil. Professores de escola pública que passam seis meses em greve, sem maiores preocupações quanto ao que isto representa para os seus alunos (invariavelmente pobres), não estão apostando no processo educacional: estão usando a categoria para movimentos de massa destinados a “mudar o sistema”.

Mais uma vez, trata-se de negar o processo democrático, junto com o processo educacional. Para movimentos de massa, o raciocínio individual é irrelevante, e pode ser até prejudicial — como se vê em algumas assembléias vociferantes. É este círculo de ferro da educação brasileira que teria de ser quebrado de alguma forma. Pois ele conduz, como está se vendo, a uma negação do processo educativo, e à substituição do cidadão pelo “homem de partido” no sentido mais estreito e sectário.